LISBOA — TERÇA-FEIRA, 12 DE ABRIL DE 1921

Diario de Lisbôa

ANO 1.º — N.º 5 — 10 CENTAVOS

Telefone 5213 (C.) — Endereço telegrafico DIBOA

Director, proprietario e editor
JOAQUIM MANSO

Redacção e Administração
RUA DO CARMO, 90, 2.º
Composição: R. do Mundo, 57. Impressão: R. da Atalaia, 114

DIZ um jornal da manhã que não foram ainda restituidos á liberdade alguns presos politicos abrangidos pela amnistia. O ministerio da justiça declara que não tem nada com o caso, que compete aos directores das cadeias civis. Por seu turno, os directores veem dizer que não soltam os presos sem uma ordem da Procuradoria Geral da Republica.

Os tribunais militares recusam-se tambem a pôr em liberdade os presos politicos, emquanto não forem revistos os respectivos processos. Afinal, quem os entende?

* * *

MORREU no exilio, no seu castelo da Holanda, a ex-imperatriz da Alemanha e rainha da Prussia, Augusta Vitória Frederica Féodora Jednz. Gravemente enferma, arrastando uma velhice cheia de desgostos, aguardava-se a toda a hora o desenlace fatal. O seu falecimento chegou a ser comunicado aos jornais ha meses, com a mesma precipitação com que foi desmentido. A ex-imperatriz da Alemanha acompanhou sempre no exilio, entre as paredes senhoriais do castelo de Doorn, seu esposo, que ainda guarda a esperança de voltar um dia a ocupar o trono de Berlim. Morreu com 63 anos de idade.

* * *

COMO de costume os jornalistas foram muito mal tratados durante a cerimonia da trasladação dos soldados desconhecidos.

Na Batalha alguns tiveram que travar verdadeiras batalhas com varios oficiais renitentes.

Coube-nos a nós um capitão de cavalos, que apurámos chamar-se Ramires.

E nós passámos assim pelo desgosto de ver o magestoso monumento transformado em *ilustre casa de Ramires*...

* * *

E' BOM não brincar com coisas sérias e a amnistia é uma coisa seriissima. Em casa do sr. Sousa Neves, em Fanzeres, realisou-se um grande jantar em sinal de regosijo pela concessão do diploma libertador. A certa altura, parece que á altura da sopa, o soalho veio abaixo com o peso dos convivas. Ficou gente ferida e houve um panico indescritivel.

* * *

CONSTA que está sendo organisado um partido politico, de caracter conservador, visto que se compõe de catolicos militantes, mas integrado no regimen. Diz-se que o sr. cardeal patriarca está vivamente interessado na organisação do novo partido.

* * *

NA Academia das Sciencias o sr. dr. Julio Dantas produziu ontem uma vibrante alocução, da qual extratamos as seguintes palavras de homenagem á Italia:

«Já viram numa das praças de Veneza a estatua equestre do «condottiere» Colleone, obra-prima de Verrocchio, expressão do ardor guerreiro duma raça? Já viram, no Louvre, o «Condottiere» de Antonello de Messina, fulvo, viril, magnifico, admiravel? Já viram a figura hirsurta e ardente de Pippo Spano, que o pincel de Andréa del Castagno animou para a imortalidade? Palpita neles a alma heroica da Italia; a mesma alma que latejou sob a armadura de ferro de Malatesta, sob a camisola vermelha de Garibaldi, sob a farda cinzenta de d'Annunzio, sob os feltros de plumas dos «bersaglieri»,—a mesma alma ardente e invencivel que levou os exercitos do generalissimo Diaz á Vitoria, e que, fazendo recuar o flanco esquerdo dessa formidavel linha de batalha que atravessava a Europa, tornou possivel, ao norte, a acção decisiva de Foch. «Não é apenas a Italia guerreira que eu evoco neste momento—diz Julio Dantas—; é a Italia maravilhosa da Arte; é a Italia ofuscante da inteligencia; a Italia que ao assombroso movimento da Renascença, iluminou o mundo com o seu clarão.»

PÃO E BOMBAS

Há tres dias que Lisboa quasi não tem pão para comer, porque os respectivos manipuladores se puzeram em greve, aproveitando o facto da enorme afluencia de visitantes á comemoração dos soldados desconhecidos.

Não sabemos se lhes assiste razão, para se lançarem num tal movimento de resistencia, mas inclinamo-nos a crer que assim seja.

Discordamos, porem, da escolha que fizeram do dia nove de abril, para surpreenderem a cidade com uma rajada de panico.

Admitindo mesmo que os manipuladores não ligavam um sentido muito patriotico ás homenagens prestadas a dois herois da grande guerra—desinteresse que absolutamente reprovamos—nem por isso deixariam de sentir-se obrigados a respeitar uma manifestação que se estendia a todo o paiz, exercendo-se em plena concordia e unanimidade de sentimentos.

Quizeram os manipuladores constituir uma nota discordante, entendendo que para eles a conquista do pão era tão imperiosa que não podiam demorá-la uns dias mais.

Na sua precipitação de vencer nem sequer previram que, se a sua greve não triunfasse imediatamente, criavam contra si a hostilidade manifesta do publico—elemento sempre necessario para dar nervo e musculo aos combatentes do trabalho. Mas não se limitaram os manipuladores sómente a esta grave *impertinencia*—o que já era alguma coisa. Resolveram encetar uma serie de actos terroristas que, espalhando o desanimo e o pavor nos seus patrões, forçasse estes á rendição. Semelhante gesto merece a reprovação de toda a gente sensata, entre a qual há muitos e bons operarios empenhados não só na melhoria, mas no triunfo da sua classe.

Pode alguem comprazer-se na propaganda e ataque pela bomba, precisamente quando em Lisboa se encontram tantos estrangeiros de representação, cujos juizos a nosso respeito teem enorme importancia para o prestigio de Portugal, visto que se trata de enviados de governos amigos que confiam no nosso tino e na nossa tradição de boas maneiras?

Não seria vantajoso para os proprios manipuladores dominar-se na sua furia, evitando assim que lá fóra se diga que nós possuimos um tão parco conhecimento dos deveres de hospitalidade que não hesitamos em quebrar o silencio solene das noites de regosijo nacional, com explosões homicidas, salpicando de sangue inocente as ruas e as fachadas dos predios pacificos?

Mas há mais: embora os atiradores de bombas procedam em harmonia com as maximas violentas duma justiça que julgam superior á concepção do burguês, a verdade é que as vitimas são geralmente criaturas alheias aos interesses que se debatem e infelizes passeantes que o acaso tragico coloca ao alcance dos estilhaços, crianças indefesas, pobres mulheres do povo e mães com filhinhos nos braços.

Os soldados que frequentemente a morte surpreende no cumprimento do seu dever, sacrificando-se á tranquilidade publica, teem direito a uma maior consideração e respeito que o que lhe tributam os partidarios da guerra das classes. Acham-se no seu posto e cumprem exemplarmente o seu dever, o que nem sempre se dirá dos que os agridem e atacam como se foram um *pecus ignobile*. De resto—e isto convem atender—o terror—o terror que as bombas derramam não se propaga tão fatalmente, maqninalmente, como crêem os bombistas. Se há pessoas que, por timidez natural, empalidecem e erguem os braços suplicantes, outras há—e este é o maior numero—que não se deixam convencer facilmente com a dialetica das explosões. Reagem, lutam, não receando arriscar até a propria vida.

Ignoramos se os manipuladores se deram ao trabalho de abordar estas consideracões, mas não era mau que o fizessem. Tirar o pão á cidade e dar-lhes bombas é uma troca um tanto perigosa, porque o gado ás vezes torna-se mosqueiro, quando o pastor menos o espera. As causas justas impõem-se mesmo sem recursos intempestivos á violencia.

O ventre de Lisbôa: bombas em vez de pão

PALAVRAS do sr. Candido de Figueiredo na sessão de homenagem ás nações aliadas, ontem efectuada na Academia das Sciencias:

«E tão respeitaveis e tão dignos de eterna memoria são os nossos soldados desconhecidos, que até os mais conhecidos soldados da Grande Guerra, como o heroico marechal francês e o heroico generalissimo italiano, vieram a terras de Portugal para homenagear os nossos heroes sem nome!»

* * *

ORDENOU o sr. ministro da Instrução o prolongamento das ferias nos estabelecimentos de ensino até 15 do corrente.

Não tardará que se atinja a perfeição de realizar nas escolas a abertura solene do ano lectivo no proprio dia do encerramento.

Será original e pratico.

De resto, conhecida a preguiça nacional, justo é, nesta hora de homenagem aos nossos herois desconhecidos, não esquecer os preguiçosos conhecidos.

* * *

A CHUVA que impertinentemente tem caído impediu que se realisasse a tourada anunciada para hoje. Os campos sequiosos rejubilam. Outro tanto não diremos dos touros, que perderam uma excelente ocasião de contribuir para o brilho das festas aos nossos hospedes. A não ser que eles, que são internacionalmente conhecidos pelo seu furor contra o encarnado, prefiram a chuva do molha-tolos á gloria dos tolos molhados.

* * *

PARECE que anda disperta e animosa a ideia de levar o governo a decretar para todos os diarios o preço de $10. Achamos que o governo, mesmo que haja de cair breve, poderá empregar a sua actividade em assuntos que, quando menos, lhe dêem materia para um epitafio. Os jornaes, que ha tanto tempo aguardam a chegada do Encoberto, podem por si proprios fixar o novo preço da venda ou manter o actual.

* * *

O CASO dos bairros sociais passou de dramatico a comico. Contam-se coisas ácerca da resurreição de um morto e o enterro alegre de nobres pruridos de justiça.

* * *

SÓ agora se descobriu que o mosteiro da Batalha tem, em tôrno, casarões que o deslustram.

Alguns parlamentares parece que vão propor que eles sejam arrazados,—agora.

Quer dizer: ninguem conhecia a Batalha—e menos que ninguem os parlamentares...

* * *

ONTEM conversavam na rua do Ouro, junto do elevador de Santa Justa, os srs. drs. Jacinto Nunes e Matos Cid.

A certa altura acercou-se do venerando senador um cavalheiro bem trajado, que indagou, indeciso:

—E' v. ex.ª o dr. Jacinto Nunes?

E a uma resposta afirmativa:

—E' que... desejo imenso abraçar v. ex.ª!

—Mas não sei a quem tenho a honra...

—Isso não tem a minima importancia.

E sem mais forma de processo, abraçou estreitamente o apostolo da amnistia, após o que seguiu o seu caminho.

Quem seria o desconhecido?

UM ENCONTRO AGRADAVEL

Os conselhos de Maria Clara

Um ninho para dois pardais — A arte de pintar o chão de uma casa e de forrar paredes esburacadas

Ontem á tarde encontrei por acaso a Maria Clara, que descia apressadamente o Chiado com um lindo sorriso na bôca fresca de rapariga de vinte anos e um grande ramo de cravos na mão enluvada.

—Viva Maria Clara! Que fazes tu? Ha quanto tempo te não via!

Maria Clara acentuou mais ainda o sorriso alegre que anda sempre comsigo e disse-me á queima roupa, com uma grande calma no olhar:

—Sabes? Vou casar...

Eu, profundamente admirada, fitei-a com pasmo. Pois quê? Seria possivel?

Noiva de um alferes sem vintem, que apenas tem de seu um fardamento e umas polainas de verniz, como poderia ela instalar-se na vida e ainda por cima com aquele ar de nababo feliz?

—Ah, sim... Vais casar... E... muitos parabens... Que novidade me dás!

Ela, vendo o meu espanto e adivinhando os pensamentos que se baralhavam no meu cerebro, tomou um ar mais reflectido, para me dizer que «era verdade, que ia casar, e que havia de ter casa sua...»

—Os pais dele querem que fiquemos a viver todos juntos; mas eu prefiro uma casinha modesta para nós dois apenas...

—Sim, nesse ponto dou-te razão... Mas olha lá! Tiveste alguma herança ou saiu-te a sorte grande?

Maria Clara ábriu mais os olhos risonhos:

—Nem uma coisa, nem outra. Tambem não é preciso. Havemos de nos arranjar...

Então fiz perguntas, quiz saber como esperava ela conseguir esse milagre... Maria Clara não se fez rogada. E as explicações que ela me fez, os conselhos que me deu, são exactamente os mesmos que hoje venho dar ás minhas jovens leitoras que teem noivos alferes e que conseguirão, mercê do exemplo de Maria Clara, realizar os seus desejos muito mais depressa do que supunham.

* * *

«Numa rua da Estrela encontrei uma casinha pequena, de aspecto miseravel, com seis divisões apenas, mas que logo me encantou, por ter só um andar e estar livre por isso de incomodos vizinhos. A casa tinha escritos, mas ninguem reparava neles porque realmente nada tinham de agradavel as suas paredes esburacadas, as suas portas e janelas sujas e pôdres.

Porêm o Carlos (o Carlos é o meu noivo) viu logo a possibilidade de fazer dêsse pardieiro um ninho agradavel para os dois pardais que nós somos, como diz a velha Gertrudes.

Com efeito, quinze dias depois, a casa não parecia a mesma. Caiámo-la de branco, pintámos de verde as portas e os parapeitos das janelas, limpámos das pedras o telhado musgoso e pusemos craveiros nas janelas, dando assim a toda a casa um aspecto simples, aldeão, português. Por dentro a transformação tambem foi radical. Os tectos e as paredes foram logo vasculhadas e caiádas, e o chão pintado de escuro. Tinham-me dito que os encerados levavam uma fortuna pelo mais pequeno trabalho e por isso fui eu e a Gertrudes que nos encarregámos de tudo. A tintura de fungão, muito boa para pintar sobrado arranja-se facilmente. Dissolvem-se ao lume 100 gramas de fungão em cada litro e meio de agua e deixa-se ferver bem a mistura. Depois, com um pano bem molhado na tinta, pinta-se o chão, tendo o cuidado de esfregar as táboas ao longo das fibras e de evitar que cáiam pingos na madeira, que só dificilmente conseguem tirar-se. A cêra para os encerados tambem se faz em casa, porque nas lojas vendem-na carissima. Compra-se cera e agua-raz numa drogaria e faz-se a mistura a frio, ou ao lume quando se quere mais brevidade (a cêra deve desfazer-se ao lume, mas logo que se lhe deite a agua-raz é preciso evitar a aproximação do calor).

Logo que a cêra esteja nas condições devidas põe-se no chão, ao de leve para que depois mais facilmente se dê o lustro com um pano de lã felpudo sendo possivel.

Assim limpa a casa tinha já outro aspecto; mas as paredes muito velhas faziam ainda um lamentavel efeito. Então resolvi ser prodiga. Comprei papel para as forrar e não contente com isto quiz que todos os quartos tivessem «lambris».

(«Lambris» quer dizer apainelamento. Mas emprega-se agora esta palavra num sentido menos determinado, para designar certas barras de papel de sedas, de chitas, etc., que se colocam nas paredes a partir do chão até certa altura e que dão ás salas certo cunho artistico do melhor efeito).

O empapelador pediu-me um dinheirão por este serviço, mas nem por isso desisti. Comprei o papel necessario, papel cinzento com florinhas vermelhas, tudo quanto ha de mais moderno (a oito tostões a peça) que o homem da loja tinha de lado por estar um pouco manchado pela humidade. Porém, quando chegou a altura de comprar o papel cinzento liso, necessario para fazer realçar o das florinhas vermelhas, surgiu a primeira dificuldade: pediram-me por cada peça 5 e 6$000 réis.

Cheguei a casa desanimada. Quando o Carlos chegou contei-lhe o sucedido e ficámos ambos a pensar na nossa triste sorte.

Então olhámos melancolicamente o papel das flores já comprado... Eureka! O avêsso era exactamente da côr que ambicionavamos! Imediatamente telefonámos para a loja. Veio mais papel e lá forrámos as paredes tal qual como queriamos: dois terços da altura (a contar de baixo) do papel das ramagens, e a parte de cima de cinzento liso—do avêsso do outro. A separar os dois papeis colocámos uma tira de madeira de dedo e meio de largura que o Carlos cortou e eu pintei de dourado para melhor efeito.

A colocação do papel é que deu um pouco mais de trabalho. Em dois litros de agua desfizemos meio quilo de farinha de trigo e deixámos ferver bem a mistura. Depois com uma régua marcámos nas paredes até que altura deviamos colocar o papel de cima que deve pôr-se primeiro do que o de baixo para evitar que este se suje. Em seguida cortamos o papel em tiras iguais e emquanto a Gertrudes as untava com a massa já pronta, eu e o Carlos iamo-las colocando. Deve ter-se sempre o maior cuidado em acertar o papel no tecto para que depois caia a direito. Então com um pano sêco ou uma escova macia vai-se alisando de cima para baixo, até que fique bem aderente á parede. Dois dias depois estava tudo completamente sêco e nós reviamo-nos felizes na nossa obra.

DIA RELIGIOSO

AMANHÃ, 13 — Resa-se solenidade de S. José na igreja universal, duplex 1.ª classe com oitava (de comun) paramentos brancos, 2.ª oração S. Hermenegildo missa propria, Credo e prefacio proprio.

LAUSPERENE—Na Ordem Terceira de S. Francisco, a Jesus.

FESTIVIDADES—Sé, ás 11, côro; ás 12, missa e vesperas; S. Roque, ás 8,30, missa,

CONCEIÇÃO (ao Caldas) — A's 11,30. missa solene da reposição do Sagrado Lausperene por musica.

ORDEM TERCEIRA DE S. FRANCISCO (a Jesus)—A's 11,30, missa solene da exposição do Santissimo em Lausperene, por musica; ás 18, Terço Bemditos, por musica.

NOVENA A S. JOSÉ—S. José, ás 19,30, com exposição do Santissimo, por musica, orando o rev. Agostinho da Mota.

EGREJA DE S. JOSÉ—E' recebido o Sagrado Lausperene no dia 15, havendo as seguintes festas:

Dia 15, 11 horas, festa ao Corpo de Deus, com missa solene, orando o rev. Vacondeus; dia 16, ás 11,30, festa do Desposorio de S. José com missa solene, feita pela sua archiconfraria, orando o rev. Governo; dia 17, ás 11 horas, festa ao Patrocinio de S. José (orago da paroquia), com missa solene a instrumental pelo maestro Casimiro, orando o dr. Santos Farinha; ás 19 horas, sermão, orando o rev. Agostinho Mota, e Te-Deum, por instrumental.

Dias santos de guarda para a igreja catolica:

Circumcisão do Senhor, Reis Magos, S. José, Corpo de Deus (este ano a 26 de maio), Ascensão do Senhor (este ano a 5 de maio), S. Pedro e S. Paulo (apostolos), Assunção de Nossa Senhora, Todos os Santos, Imaculada Conceição de Nossa Senhora e Natal.

FOMENTO INDUSTRIAL

A energia hidro-electrica

A situação economica presente só pode remediar-se á custa dos esforços que ela propria dificulta

Já todos sabem a importancia da questão do aproveitamento da energia hidro-electrica num paiz como o nosso, sem jazigos hulhiferos, e tendo de azer diversos trabalhos preparatorios para explorar os carvões nacionais e recorrer a processos modernos para os queimar.

A energia hidro-electrica transportavel com facilidade a todas as distancias existentes no paiz representa a segurança na iluminação, no accionamento dos transportes e das fabricas.

Sem contar que feitas as instalações a produção depende em muito reduzida escala do factor «mão de obra», cujo emprego as circunstancias contemporaneas estão tornando muito caro e muito precario.

Pode mesmo prever-se, embora o carvão não deva dispensar-se durante muito tempo, que a utilisação das correntes de agua virá no futuro a produzir modificações profundas na posição economica dos paizes no mundo.

* * *

Felizmente o movimento de iniciativas que despertou entre nós abrangeu os empreendimentos electricos.

Nos ultimos dois anos o numero de pedidos de concessão triplicou, e se alguns são pequenos aproveitamentos de interesse local, outros objectivam grandes instalações, cujas rêdes de distribuição podem alcançar distancias de mais de 300 quilometros.

A esta febre da iniciativa particular os serviços publicos teem sabido corresponder. Sobretudo os serviços dos engenheiros dos serviços hidraulicos e ao Conselho dos Aproveitamentos, os poucos requerimentos que não estão ainda resolvidos vão ser despachados em breves dias.

Infelizmente o momento não é como sabe muito propicio para atacar a execução de obras dispendiosas, em que ha necessidade de importar material diverso, cujo custo um cambio inverosimil agrava fortemente.

O mais lamentavel é que este conjunto de circumstancias põe em dificuldades quasi todas as nossas explorações industriais.

Á questão é como se vê muito seria no que tem de insoluvel, de quasi paradoxal: A situação economica presente só pode remediar-se á custa dos esforços que ela proprio dificulta.

Urge acudir de algum modo a isto. Ha muito a fazer e sobretudo a acção do Estado tem de ser energica e urgente.

Pelo que respeita propriamente ao fomento industrial apresentava meu irmão, o actual ministro do comercio, uma proposta de lei no sentido de crear um titulo especial para este fim, uma especie de obrigações caucionadas ao mesmo tempo pelo industrial, pelo Estado e por um Banco particular, expressamente creado com este objectivo.

Seria um papel de toda a garantia, destinado a uma facil colocação e podendo financiar valiosos empreendimentos, entre os quais a proposta reserva um logar primacial ás empresas hidro-electricas.

Tem corrido na imprensa a ideia de confiar estas operações a um estabelecimento do Estado: a Caixa Geral de Depositos, que ultimamente está desenvolvendo a sua actividade em operações de credito industrial.

Qualquer que seja a solução a este respeito, convíria que o parlamento dotasse o nosso paiz com uma lei nesse sentido. Semelhante a outros que no estrangeiro, nomeadamente na visinha Espanha tem produzido bons resultados.

De qualquer modo, eu confio que as deficuldades do momento hão de acabar por ser vencidas.

O paiz continua dominado por uma verdadeira febre de iniciativas. Em algumas regiões assiste-se como que ao armar de uma grande feira, Trabalha-se nervosamente,

Para qualquer lado que a gente se dirija quando sái do circulo lisboeta que passa pelo Chiado e S. Bento, assiste-se a uma ressurreição. Estamos construindo um Portugal novo.

Quanto ás obras hidro-electricas Lindoso vai estender dentro de algumas semanas a sua linha electrica a Braga e Porto.

As obras do Rabazão devem começar brevemente. Nos afluentes do Douro são inumeros os pedidos; no Tamega, no Tua, no Coa, etc. Um projecto de consideravel importancia objectiva o fornecimento de energia á região de Guimarães. Nas provincias do Norte os pedidos sucedem-se por toda a parte. No Zezere ha varios pedidos cujos estudos estão sendo ultimados.

Toda a bacia do Vouga, na região a todos os titulos interessantissima de Aveiro as iniciativas multiplicam-se. O Mondego e o Alva utilisados junto da confluencia destes rios permitirão transformar radicalmente as ricas e laboriosas zonas de Coimbra e Leiria. No Guadiana está-se procedendo a estudos de campo para conseguir dotar com energia hidro-electrico as rigiões do Baixo Alemtejo e do Algarve onde as correntes de agua menos abundam.

E', como vê, um movimento geral que toma por campo de acção o paiz inteiro.

Por isso, para evitar a duplicação inutil das linhas de transporte, a comissão tecnica do ministerio do comercio nomeada pelo actual ministro está elaborando o plano geral d'uma rêde de transportes de alta tensão.

Trata-se de proceder com metodo, evitando despesas escusadas, atritos prejudiciaes.

Esboçam-se certas industrias auxiliares, cujos produtos serão empregados nas instalações hidro-electricas. O cimento que já se fabricava em Portugal e é um dos elementos indispensaveis vai ser produzido em larga escala e pelos processos mais aperfeiçoados numa grande fabrica que está sendo instalada em Leiria (Maceira). Muitos materiais precisos nas instalações electricas estão tambem já sendo fabricados largamente entre nós.

Este movimento que pode chamar-se hidro-electrico é como vê uma coisa consideravel que as condições financeiras do momento poderão atrazar um pouco mas que em breve, se fôr conduzido com criterio, se não fôr contrariado pelos multiplos factores que costumam desorientar as nossas coisas acabará por transformar a nossa terra.

DIVIDA PUBLICA

Os depositos para pagamento dos encargos em 31 de março

Em 31 de março findo a Junta do Credito Publico tinha os seguintes depositos á ordem, destinados ao pagamento dos encargos da divida publica: no Banco de Portugal 3:845.516$82; em Amsterdam na casa Lippanam Rosenthal & C.ª, florins, 6:375.87; em Bâle, na Société de Banque Suisse, francos, 47:913; em Berlim, no Bank fila Handel & Industrie, marcos, 857:889,70; em Bruxelas, na Caisse Generale de Reports et de Depots, francos, 1:503,97; em Londres, no Baring Brothers & C.º, Lb. 447:510-10-5, e em Paris, no Credit Lyonnais, francos, 3.350:180.30.

"Portugal Comercial e Industrial"

Alguem colocou sobre a nossa mesa de trabalho o n.º 15, correspondente a Fevereiro-Março de 1921, da revista «Portugal Comercial e Industrial». Entre nós poucas são as revistas que conseguem viver, porque lhes falta uma condição essencial: serem bem feitas.

«Portugal Comercial e Industrial» não enferma dêsse defeito. E' uma revista bem redigida, bem apresentada, com uma optima colaboração, que se relaciona com todos os problemas que interessam a grei portuguesa.

O numero do «Portugal Comercial e Industrial», que temos presente, merece especial referencia, porque publica um retrato do marechal Joffre, seguido de umas eloquentes palavras aos soldados desconhecidos e á França, imortal e heroica.

Todas as questões de advocacia e procuradoria se tratam no

ESCRIPTORIO FORENSE

R. do Carmo, 35, 2.º

N.º TELEFONICO: 4:233 — C.

AUTOMOBILISMO

As comissões tecnicas de inspecção e exames de condutores

Foram assim constituidas as comissões tecnicas de inspecção, provas e exames de automoveis e condutores, durante o corrente ano: circunscrição do norte, séde no Porto, efectivos dr. João Antunes Guimarães, Agostinho de Freitas Leal e Fernando de Brito (Ermida) e substitutos, Jaime de Sousa Correia e Olindo de Carvalho Leitão. Lisboa, efectivos, Luis de Sequeira Oliva, Carlos de Sá Carneiro e Ricardo O'Neill e substitutos, José Aguiar e Joaquim Mendes Amaral, circunscrição dos piões, séde em Ponta Delgada, dr. Luiz Gomes. Circunscrição da Madeira, séde no Funchal, Francisco Bento Gouveia.

PERFUMES CRENOVILLE

ARTE & LETRAS

Guerra Junqueiro

A PROPOSITO DA RECENTE PUBLICAÇÃO DAS "POESIAS DISPERSAS"

GUERRA JUNQUEIRO

Caricatura de Jorge Barradas

O autor de *Os Simples* já quasi não escreve, porque a meditação, as seduções da vida interior, a ensimesmação religiosa absorvem-no por completo. Não busca os aplausos da turba, porque esta não compreende um pensamento que bate ás portas do Infinito, como Dante ás do Inferno.

Depois de a sua musa ironica, satirica, blasfema, colerica, lirica e hieratica ter abordado a vida em gestos e geitos que a inspiração tornou belos, o poeta vive em Portugal, no silencio da sua alma. Uma grande figura o prende e domina—Nun'Alvares em quem ele vê a Patria insubmissa perante qualquer jugo, brava na exaltação do heroismo, crente e humilde, na hora do arrependimento!

Com que pura emoção, no seu alto poema *A Patria*, ele não evoca a figura do guerreiro que, em Aljubarrota, quando, á força de misticismo ardente, arranca ao céu o segredo da vitória, fixa o destino de nós todos, colocando o seu genio indomavel contra o triplo fatalismo do numero, da materia e do temor!

Nunca a lingua portuguesa, que aliás é rica de sonoridades e relampagos, proprios para significarem a presença do Invisivel e do Misterio, atingiu a pureza de verbo e de ritmo que encerram os celebres tercêtos do Condestabre, em *A Patria*.

Junqueiro, que necessitava afirmar a sua consciencia religiosa, depois das bravatas um tanto retoricas e jacobinas de *A Morte de D. João* e da *Velhice do Padre Eterno*, elevou-se a uma altura em que a paixão que algumas vezes o transviara, até torná-lo tamboresco e zombeteiro, se sublima e eterisa, até ao sonho e ao deslumbramento.

A Patria é, porventura, a dentro do nosso tempo, o unico livro onde palpita um largo sopro daquele espirito que, nos *Luziadas*, tomou para si a citara de Homero.

Junqueiro, que entrou na literatura, com a alegria irreverente dos melros e dos pardais, que roubou a D. João a sua aureola, putrefazendo-o, arrastando-o na ignominia da sua lenda desfeita; que, ousadamente, quiz vingar Satanaz da sua derrota de anjo caido, entrando no céu com esquadrões numerosos de alexandrinos, por força do seu engenho liberto e rebelde—Junqueiro, que os anos vieram acalmando, encontra-se hoje na sua fase profetica, ele que a principio julgou o mundo pelas aparencias falazes, comprazendo-se na musica das suas rimas, como o sol nas frondes altas dum platano.

E' vê-lo de longas barbas, baixinho, curvado, o grande nariz de raça avançando como um bico enigmatico de passaro nocturno, o olhar inquieto e profundo, luctando para buscar certezas nas raises das coisas, através dumas lunetas de alquimista, o guarda chuva sob o braço para rememorar a clava de Hercules, o vestuario, rigorosamente preto, em que se adivinha a preocupação de enterrar o corpo num gostoso despreso de temporalidades... A multidão em Portugal é pobre de tipos originaes de artistas, sabios, filosofos e bohemios-poetas, consumindo-se na vulgaridade, na insignificancia das vozes, no desgracioso dos movimentos e na monotonia intragavel dos seus rumores. Porém, quando Junqueiro a atravessa, a sua figura provoca interesse, disperta admiração, marca um começo de lenda no olhar dos qne julgam descobrir nele qualquer coisa de divino ou de satanico. O povo não leu os seus livros, mas conhece o homem por anedotas. E estas pintam-lh'o, sobretudo, na fase clangorosa, revolucionaria, escalando nichos sagrados e baldaquinos, provocando as potestades e casquinando, em face do desconhecido, metendo os dedos pelos olhos iracundos dos idolos mortos. Junqueiro passa sem dar pela presença dos outros. Pensa no seu destino e um pouco nas reservas da sua adega. O *bric-à-brac* foi até ha alguns anos uma das suas predilecções profanas: Agora desprendeu-se tambem deste culto interesseiro e interessante. *Sursum corda!*

O seu coração, que alguem denunciou como uma arca de avarento, enflora-se e abre-se nas riquezas mil dos seus afectos ultra-terrenos. Junqueiro, peregrino das estradas da Bem-aventurança, reedita S. Francisco de Assis.

Em dado momento das suas inquietações, Tolstoi sedusiu-o com o seu cristianismo de granja e floresta. O *mujik* afigurou-se-lhe digno de admiração. Breve percebeu que as suas excelentes vinhas de Barca d'Alva, cujos licores são de invenção do proprio Baco, não consentiram que ele se desencaminhasse pela intermina planicie slava.

A terra tem imperativos que a inteligencia é forçada a respeitar. As ideias geraes não podem fazer-se tão abstratas que percam inteiramente a seiva fecundante.

Junqueiro, depois de *resuscitar*, consoante a receita do patriarca de Iaesnaia-Polian : decidiu-se a viver, segundo o cristianismo simples e humano da raça. A sua palavra adquire uma estranha limpidez: quando fala, os seus ouvintes teem a impressão de que ele distila o mel da verdade, como S. João Crisostomo a sua eloquencia. Persuade, comove e faz sonhar.

Nos *Simples*, que são certamente o seu acto de contrição, o poeta vai da aventura heroica do cavaleiro de porte altivo e armas imaculadas, até ao cansaço da existencia que fenece em humildade e perdão. Este livro, que muitos dizem amargo e pessimista, não é tal: tem de ler-se como um exame de consciencia, para que a sua leitura seja proficua.

Os seus poemas finais são uma radiosa entrada no claustro. A alma, quebrados ou rotos os liames da carne e da ilusão, humildemente ascende, em prece, até Deus.

—Padre Nosso que estás nos ceos...—

A filosofia de Junqueiro pretende ser uma especie de panteismo, sem sistema nem principios, haurido da contemplação da Natureza. Deus aparece-lhe como o verbo e a rutila animação das coisas. O *castanheiro morto* é a mais fulgurante das suas sinteses poeticas, parecendo que todas as sinfonias do universo passam nas estrofes que o cantam e exaltam, como um elemento da harmonia cosmica ou sideral. Convem acentuar que Junqueiro sòmente deu ao seu esparso e vago panteismo o aspecto mistico que hoje apresenta, depois de haver sentido o universo na plenitude pagã e sensual da sua força e do seu multimodo poder de crear.

—Que esplendor! que vigor! que amor! que plenitude!
Eu quero mergulhar o corpo na saude
Da terra que produz as arvores frondosas!
Quero aprender a ser vermelho como as rosas!
Aguas vivas da encosta a correr transmiti
Para o meu coração a frescura que ri
Nesse vivo cristal! Lirios brancos do monte,
Vertei-me dentro d'alma e vertei-me na fronte,
Essa candura, intacta e virgem, do luar!
Roussinois, ensinai-me a chorar e a cantar!
Abelhas, revelai-me a graça misteriosa
Com que extrais o mel do calis duma rosa,
Para eu extrair puras canções d'amor
Duns labios que tambem são como a rosa em flor!

Este trecho que recortámos do poema *Manhã*, que abre as *Poesias Dispersas*, embora tenha as vastas proporções picturais de uma paisagem hugoliana, marca o inicio de uma tendencia que, com o tempo, se irá pronunciando, de maneira a ganhar em amplitude e profundidade religiosa, o que perderá em ruido, movimento, côr e vibração.

Nas duas *Orações*, á luz e ao pão, Junqueiro paira um pouco acima deste paganismo. A sua alma, bastante desencarnada, suspende-se sobre a terra, para mais de perto ouvir Deus. Este deixa de ser o fermento e a *vis* creadora, para se converter no foco universal da perfeição.

Junqueiro, que chamava a Hugo o *divino*, incensava-o assim:

—Em Hugo adoremos o meigo gigante,
O claro titan,
Que arrasa os baluartes do mal triunfante,
E ampara a verdade com o seu montante,
Brilhando na gloria do sol da manhã.—

Esta estrofe, que nasceu do seu entusiasmo juvenil, deve aparecer hoje ao poeta como uma sonora vacuidade. O misticismo possue uma realidade mais pura, humana e misteriosa. Hugo, que era um assombroso agitador e amotinador de imagens, rimas e ritmos, raramente se libertou das retumbancias e das grandiloquencias. Junqueiro, cuja curiosidade jamais repousou, transcendeu o seu mestre na percepção do problema do destino. Reentrando em si, a sós com a sua consciencia, descobriu a cidade de Deus. Pena é, que não se digne rasga-la á nossa visão piedosa, recatando-a para si com o seu maior segredo.

Joaquim Manso

A CIDADE

CHÁ DAS CINCO

Madame "Ballet Russe"

Minha dama velada

Pede-me você um nome, um nome com que eu baptise a sua alma menina... Seja. Vou pôr varios nomes á sua disposição. Você escolherá o que melhor lhe fôr. Os nomes são como os chapéus. E' preciso experimentar muitos para se assentar nalgum. Quer você ser Madame Fantomas, você que vai ao teatro, que passa na rua, que anda pela minha vida como por sua casa, sem que os meus olhos a descubram, os meus olhos felinos — dois gatos maltezes em busca dum ratinho?... Quer antes ser, talvez, Madame «Abat-jour», você que abriu no meu tedio um rectangulo de luz, você que eu sinto a projectar-se na folha branca do papel em que lhe escrevo...

E dai não... Talvez lhe convenha mais um nome oriental, muito comprido, um nome de *mousmé*, Mademoiselle Rosa-de-Papel-de-Carta ou Dona Flôr-que-o-Sol-Deseja-mas-não-Vê...

Sim... Eu sei. O que você quer é um nome sobrio, um nome curto, um nome para telefone, um nome etiqueta, legenda de *film*, um nome em letras brancas sobre o negro, sobre a treva em que você se esconde... Recorda-se dum conto de Oscar Wilde, onde ha uma mulher que para maquilhar a sua vida de misterio, se dirigia, cautelosamente, todos os dias, a certa casa, uma casa onde nunca esteve acompanhada, onde nada mais havia, como se soube após a sua morte, de que jornais de modas, livros, «magazines», e alguns lenços rasgados, alguns lenços sofridos... Quer você ser como essa mulher? Quer você ser Madame Esfinge-Sem-Segredo — o nome de conto de Oscar Wilde?

Mas espere... A minha pena que tem vindo em passos de bailado por esta cronica adiante, insinuou-me agora um nome. um nome que eu elejo, o melhor chapéu para o seu misterio, um chapéu de larga copa, que a cobre toda de plumas: Madame Ballet Russe...

Convem-lhe? Serve-lhe? Eu não lhe sei encontrar outro «mais belo... Madame «Ballet Russe»...Repare. Não se trata, apenas, dum nome, trata-se dum programa... Eu quero, na verdade, que você seja na minha vida um «ballet russe», *Les femmes de bonne humeur*, por exemplo... Sim, minha boa amiga. Eu quero que você seja o meu *ballet*, um *ballet* estridulo, dissonante, um *ballet* onde haja todas as côres, todos os gestos, onde os proprios sentimentos não encontrem fronteiras...

Eu quero que você seja o meu *ballet*, como desejaria que qualquer outra mulher o fosse... A mulher é o «ballet russe» de Deus. As pernas, os braços, os olhos, a boca, são as bailarinas do Corpo...

Madame «Ballet Russe» é, portanto, o nome com que a baptiso na Notre Dame da minha arte... Entretanto, você escolherá o que entender.

Quer ser Madame Fantomas, Madame «Abat-Jour», Madame Esfinge-sem-Segredo?

Mas espere... Você, afinal, não pode ser Madame «Ballet Russe»... Não lhe conheço os gestos, não lhe conheço o corpo, conheço apenas a sua voz... Tenha paciencia. Você não pode ter um nome, tem que se contentar em ter um numero... Fica assente, portanto: Madame Norte 3421... E dito isto,

Beija-lhe a voz

o seu

Antonio Ferro

REUNIÕES PARA HOJE

Sociedade Nova Aliança, ás 21; Directorio do Partido Democratico, ás 21; Federação do Livro e do Jornal, ás 21; Sociedade Farmaceutica Lusitana, ás 20.30; Confederação Socialista do Sul, ás 21.

Uma reclamação da marinha mercante

O director da marinha mercante enviou um oficio ao sr. ministro das finanças pedindo-lhe para esclarecer que ao carvão destinado ao consumo dos seus navios não está compreendido em qualquer dizer da tabela anexa ao decreto de 29 de outubro de 1920, mas sim na lei de 23 do abril de 1880 que manda restituir os direitos de carvão para fornecimento de embarcações nacionais. A Alfandega tem dado errada interpretação ao assunto, o que justifica esta reclamação.

NOTAS MUNDANAS

A caridade

Opereta «Rip»

O ensaio dos córos da encantadora opereta franceza «Rip» que esta tarde se devia realisar no salão nobre do teatro de S. Carlos, ficou transferido para ámanhã quarta-feira, á mesma hora, pedindo a comissão a todas as pessoas que tomam parte o favor de não faltarem.

Opereta «Ninguem diga...»

Devido a ámanhã haver ensaio dos córos da opereta franceza «Rip» não haverá ensaio no teatro de S. Luiz, dos córos da engraçada opereta portuguesa de Chagas Roquete e Acacio de Paiva, com musica de Calderon «Ninguem diga...», tornando haver só na proxima sexta-feira, ás 17 (5 da tarde).

Nos Salões

Ante-ontem a sr.ª D. Emilia Pinheiro Ferreira Pinto Basto e seu marido, sr. Frederico Ferreira Pinto Basto ofereceram na sua elegante residencia um chá, a fim de festejar o aniversario de sua gentil filha D. Maria Amalia.

Durante a tarde, além de animada conversação, dançou-se sem interrupção até perto das nove horas da noite.

Na assistencia viam-se entre outras as seguintes senhoras:

Marquesa de Pombal, Condessa de Oeiras, D. Maria Luiza Luz da Gama e filha D. Maria Henriqueta; D. Adelaide Coruche de Almeida, D. Constança de Castelo Branco Ferreira Pinto Basto e filhas D. Maria Francisca, D. Maria Izilda; D. Maria Luz (Coruche); D. Maria Inacia Basilio de Castelo Branco, D. Sofia Pinheiro Gorjão Henriques e filha D. Maria Eugenia; D. Maria Adelaide Pombal, D. Tereza Amado, D. Maria do Pilar Perestrelo Orey Correia de Sampaio (Castelo Novo), etc., etc.

E os srs.:

Visconde de Santo Tirso, D. Nuno e D. Sebastião José de Carvalho Daun e Lorena (Oeiras), José Morais Amado, D. Francisco de Carvalho Daun e Lorena (Pombal), Faustino Luz da Gama, etc., etc.

Aniversarios

Fazem ámanhã anos as sr.as:

Viscondessa de Sacavem, D. Virginia May Figueira Gavião Pinto Martins, D. Laura Judith Correia Mourão, D. Maria Carlota Alves de Carvalho e D. Isabel de Noronha Paiva Couceiro.

E os srs.:

Conde de Sucena, Conde de Bobone, D. Raul da Camara Leme, Arnaldo Cardoso Rossano Garcia, José de Sousa Carvalho (Ervideira), Antonio de Andrade e Baltazar Carlos de Mozer.

—Faz hoje anos a sr.ª D. Maria Luiza Costa.

Casamentos

Pela sr.ª D. Maria da Graça Lima de Brito e Cunha, esposa do sr. Alberto Julio de Brito e Cunha, foi pedida em casamento para seu filho mais novo, sr. José Maria de Lima de Brito e Cunha, a sr.ª D. Virginia Garrido Orge Baqueiro, gentil filha da sr.ª D. Balbina Rosa de Jesus Orge Baqueiro e do sr. Manuel Orge Baqueiro. O casamento deve realisar-se ainda este ano.

Festa de homenagem

E' finalmente esta noite que no Avenida se realiza a recita de homenagem dedicada pela empresa daquela casa de espectaculos aos seus cronistas mundanos e nossos camaradas na imprensa, subindo á scena pela ultima vez esta temporada a celebre peça de Nicodemi «A Inimiga», na qual a esplendida companhia daquele teatro tem uma verdadeira criação.

Os poucos bilhetes de plateia e camarotes de 2.ª ordem estão já á venda na bilheteira sendo portanto de prever uma enchente colossal e uma distintissima assistencia.

Em viagem

Encontra-se em Lisboa, vindo de Coimbra, com sua esposa e filhos, o sr. José Maria Basto Forjaz de Sampaio, que dentro de alguns dias regressará á sua casa na ilha de S. Miguel.

—Está em Lisboa o sr. D. Francisco Correia de Sampaio (Castelo Novo), vindo da quinta de Escalos de Cima, na Beira Baixa.

—Regressou da Beira o sr. Elias Rafael Seruya,

—E' esperada em Lisboa, vinda de Coimbra, a sr.ª condessa de Silves.

—Partiu hoje para as suas propriedades no Douro, acompanhado de sua esposa a sr.ª D. Tereza Valente Moreira, de seus gentis filhinhos e de sua interessante cunhada D. Arcelina, o sr. dr. Antonio Teles da Silva (Tarouca).

—Para S. Tiago do Cacem, Alemtejo, parte ámanhã com sua esposa, o sr. dr. Antonio Parreira Cabral.

—Das suas propriedades em Trancoso regressou com seu enteado o sr. D. Jorge de Aguilar de Avilez, a sr.ª condessa de Avilez.

—Partiram de Paris para Londres, de onde regressam brevemente a Lisboa o sr. Anselmo de Atouguia Ferreira Pinto Basto e sua esposa a sr.ª D. Maria Francisca Cabral da Camara Ferreira Pinto Basto.

—Com sua filha a sr.ª D. Helena Lobo de Portugal parte brevemente para S. Tiago do Cacem, Alemtejo, a sr.ª D. Amelia Lobo.

—Acompanhado de sua esposa e filhos parte dentro de alguns dias para S. Tiago do Cacem, Alemtejo, o sr. Baltazar Cabral.

—Encontra-se em Lisboa, vindo das suas propriedades de Salvaterra de Magos, o sr. Antonio da Silva Lapa.

—Para S. Tiago do Cacem, Alemtejo, parte brevemente, acompanhado de sua esposa e gentis filhas, o distinto engenheiro sr. Francisco Lobo de Vasconcelos.

SPORT

Foot-ball

Reuniu na quinta feira a comissão organizadora do torneio da «Taça Mutilados de Guerra» juntamente com a direcção da Associação de Foot-ball de Lisboa, que autorizou a realização do torneio, o qual se deve iniciar no domingo, 17, fechando a inscrição na proxima quinta feira, 14, devendo as inscrições ser feitas em oficio e entregues na redacção de «Os Sports».

A comissão organizadora reune nesse dia para assentar na ordem dos «matches», podendo assistir á reunião os delegados dos clubs concorrentes.

LIVRARIA PROFISSIONAL
Largo do Conde Barão, 49
Livros tecnicos
de todas as especialidades

N.º 5 Folhetim do DIARIO DE LISBOA 12-4-921

O ESCONJURO

NOVELA POR AQUILINO RIBEIRO

E nela se ia reflectir a penumbra mistica, dar-lhe a suave melancolia de uma lauda de antifonario, que vozes humanas não soubessem cantar. Aos lados, os corutos dos pinheiros, acesos ao sol como tochas; ao alto, um céo, mal enrugado de nuvens brancas como um pálio de seda branca com largas aguas, o voto assumia uma pompa triunfal.

—Sancte Thaddae!...

—Rogai por nós!...

—Sancte Mathiae!...

—Rogai por nós!...

Sobre o tropel moroso dos fieis o céo refrangia de uma assuada, ora de bronze, ora de pratas chocando-se. A invocação lançada pelo sacerdote e seguida pelos homens rolava numa cadencia mazorreira, grossa destas vozes afeitas a reger os bois e a rezar sobre o acefate o lento padrenosso; já o côro entoado pela garganta das mulheres, cristalina nas raparigas, dolente com o embalar dos berços, trepava na sucessão de um alegro, explendia numa sincope de alta melodia, no céo alto, para recaír sobre a terra manso, mavioso, como rosas vermelhas esfloradas, pondo a vibrar os horizontes, de um éco, mais colorído que o arco-iris. Recolhida dentro das matas, parecia que uma grande alma escutatava. A imobilidade dos troncos, dos penhascos barbaçudos por entre as arvores, era de contenção. Não se via o mundo, mas o céo que é de Deus e a floresta que é misteriosa e profunda como o seio do proprio Deus. O voto seguia á orla do infinito.

Andando, uma nesga de ceara, cheia de vibrações de luz, abriu-se nas matas. Foi um topar de terra. Os olhos olharam e, sobre a tremula ondulação das espigas ao vento fagueiro, leram o seu problema da existencia. De um galho, um casal de rolas bateu azas, ruflou espavorido; empoleirado numa giesta, um cartaxo matutino parecia velar; era ao alcance de uma pedra, e ele ali permaneceu impavido, indiferente, sobre a vergontea que balouçava, monologando consigo, em sua voz sarcastica, talvez da bicha de sete cabeças que ia passando.

No rozario das rogativas aos santos inocentes, sucederam-se S. João e S. Paulo. A'queles nomes, por uma associação de fundador a precursor, Aurelio lembrou-se do Baptista e disse para o abade:

—Então preparou o sermão?

—Preparei... quer dizer, adaptei. A oratoria que se ocupou do Baptista ê uma ceara que não tem fim. Serzi déste e daquele, porque não só não acalento fumos de originalidade, mas não pagaria a pena. Tinha lá uma especie de panegirico que mais de uma vez me serviu nas festividades da aldeia. Um pouco *Flos-sanctorum*... A vila é mais exigente. E' preciso contar... *Sancte Silvester!*... é preciso contar com outras orelhas... o juiz... advogados, a burocracia toda da comarca que, quando não é zoila, e pretenciosa. Além disso, seria uma falta irreparavel omitir a razão politica que de tudo se serve para deprimir ou elevar.

—O sr. abade dá a figura biblica tal qual?

—Tal qual; o humilde que dava vozes no deserto, vestido com a samarra de uma cabra e comendo mel silvestre; o mensageiro forte, muro de bronze e flexa ardente, segundo os termos de Jeremias, ante os crimes do Tetrarca.

—Bem se vê que o estudou a fundo...

—Não, a exegese está feita...

—De acordo, mas o Baptista é destas figuras que, á simples reflexão, quebram o caixilho em que a hermeneutica o fechou. O Precursor?!... bastará isso?

—Basta... e que não bastasse, ao orador sagrado é defeza qualquer interpretação racionalista. Patriota feroz, chefe de quadrilha, revolucionario a monte, tenho ouvido tudo isso. Ao meu sentido de submissão, apraz-me mais a natureza do predestinado, tocado da chama da lei nova, que uma incarnação de judeu insurrecto, com as virtudes todas da revolta. No terreno das audacias, chega que se diga dele o que ontem encontrei sob o nome autorisado do jesuita Manuel de Naxera. Diz assim, *mutatis mutandis*: *que es sobre todos ilustre, que aun la misma mano de Dios no parece le dá aplauso, sino a la mano de Dios credito*. Percebeu? *Sancte Martine!*...

—Não podemos renovar—prosseguiu o

A CIDADE

ITALIA E PORTUGAL

O GENERALISSIMO DIAZ

entrevistado para o "Diario de Lisboa"

«Sinto profundamente as manifestações que me fizeram e meus olhos relembrarão sempre as cerimonias tocantes que se realizaram no convento da Batalha».

Ha já dois dias que o objectivo do jornalista se cifrava nisto: conseguir do generalissimo Diaz duas impressões sobre Portugal; um galanteio sobre a nossa terra, uma frase sobre o nosso céu. Foi dificil; tivemos que lutar, insistir, bater o Avenida Palace, palestrar com oficiais portugueses, vencer mil obstaculos, que a todo o momento cresciam e se multiplicavam. Encontrámos, porém, um amigo: foi o major Carvalhais, que nos serviu de apresentação ao ajudante de Diaz e que insistentemente nos recomendava, um pouco compadecido do nosso passeio, através daquele 4.º andar do Palace, agora um pedaço da Italia, um pouco da patria de D'Annunzio, onde «ardietti» estacam e oficiais italianos correm apressados.

O ajudante de Diaz dissera-nos que o seu general, sem ter o horror dos jornalistas, tinha o horror das entrevistas.

—Em Italia, esclareceu, durante a guerra, Diaz foi inabalavel, inflexivel, não concedeu duas frases a alguem que de longe cheirasse a «reporter».

Esta manhã, porém, a nossa insistencia obteve vitoria. O generalissimo fechar-se á chave; o ajudante bateu; a porta abriu-se, entramos momentos após, e encontrámo-nos frente a frente com Diaz.

Diaz, conhecem-no? A esta hora, em Lisboa, não ha ninguem que não fixasse a sua fisionomia mascula, forte, de linhas rectas, onde uns olhos vivem, inquietantes, potentes, que prescutam tudo e tudo resolvem.

Aperta-nos a mão e pergunta-nos se sabemos falar francês. Depois assentou-se numa poltrona, e enquanto o jornalista, de pé, febril, apressado, temendo um importuno, toma notas, vai-nos dizendo, na sua voz clara, um pouco lenta, traindo na entoação musical a lingua de Dante:

—Estou muito lisongeado com o acolhimento que me fizeram. O vosso paiz tem o mesmo ceu, a mesma beleza que o meu. As caracteristicas do povo português: a sua franqueza e a sua bondade, assemelham-se, ou melhor, confundem-se com a dos italianos.

Fala-nos depois das nossas grandes descobertas geograficas, na epoca de Cristovão Colombo, do nosso esforço, da nossa fé, através da historia.

Cala-se, o seu olhar prende-se um instante no nosso e diz:

—Sinto profundamente as manifestações que me fizeram; e meus olhos relembrarão sempre as cerimonias tocantes que se realisaram no convento da Batalha. Ontem, na Escola de Guerra, os soldados italianos confraternisaram com os portugueses; as nossas bandeiras foram condecoradas pelo sr. Presidente da Republica e eu tive ocasião de dar a cruz de guerra ás vossas bandeiras, que viram a chama das batalhas e de galardoar os mutilados, que se sacrificaram pela Patria e pelo nome de Portugal.

O general Diaz cala-se outra vez. Vê-se que em seus olhos, olhos italianos e olhos de beleza perpassa o espectaculo das multidões que o ovacionaram, o cortejo de dia 9, o mosteiro longinquo, e por detraz de tudo isso, em horisonte, as trincheiras de Italia, daquela Italia martir, desfalecida de dôr nas horas tragicas do Piava e mais tarde, coração florido de alegria imensa, quando as suas espadas, os seus canhões e a sua gloria dominaram o inimigo, impelindo-o para as cordilheiras dos Alpes, vencendo-o.

Diz ainda:

—Comovi-me profundamente com as manifestações do povo português; a minha alma abraça-o, beija-o. Não me cansarei nunca de amar Portugal, aquele Portugal que ao lado da Italia entrou na guerra, combatendo pelos grandes ideais de Justiça e de Liberdade.

O inquerito ao sr. Liberato Pinto

O general sr. Correia Barreto já está elaborando o parecer sobre o inquerito feito ao sr. Liberato Pinto que deve ser citado ainda esta semana pelo Conselho Disciplinar do ministerio da guerra sobre o caso da escritura comercial. Pelo regulamento são-lhe concedidos dez dias para a resposta.

Continua a afirmar-se que o sr. Helder Ribeiro substituirá na chefia do estado maior da G. N. R. o sr. Liberato Pinto, estando indigitado para comandante do mesmo corpo de tropas o coronel sr. Roberto Baptista.

A PROPOSITO DA MORTE DE CASTILHO NOBRE

Maus aviadores ou maus aeroplanos?

Urge que o governo proceda

A morte do tenente-coronel Castilho Nobre, aviador intrepido, que veio inscrever mais um nome no glorioso martirologio da nossa quinta arma, coloca-nos ante estas duas perguntas:

Os desastres que teem sofrido os nossos aviadores, devem-se á sua pouca experiencia? Não será antes á má construção dos seus aparelhos?

A' primeira pregunta podemos responder categoricamente com um «não». A nossa resposta não tem vislumbres de patriotismo, perfeitamente descabido aqui, nem quere envolver uma desculpa.

Os aviadores portugueses tiraram brilhantemente, em França, os seus «brevets», arrancando a todos, aplausos e elogios. Em Portugal, continuaram estudando, elevando-se no ar, não por mero «sport», mas sim por estudo e para adquirirem aquela pratica, de que são mestres. Fica de pé, pois, a segunda pregunta.

A essa é que não podemos responder com essa negativa, porque é infelizmente verdade.

Os aparelhos, usados pelos nossos aviadores, não teem as condições de estabilidade e de perfeição que se encontram nos aparelhos usados lá fora. Em França, em Inglaterra, os desastres de aviação são raros, rarissimos mesmo. As linhas aereas multiplicam-se, ha carreiras a horas certas entre o continente e a Inglaterra, entre a Inglaterra e a America.

E' exactamente esta regularidade, esta precisão que mais vem confirmar o nosso juizo. Então se no estrangeiro o caminho dos ares é rota segura, que todos empreendem, porque o não será aqui?

Os nossos aviadores sobem, manobram, ascendem, beijam as nuvens, rasgam o espaço com suas azas, depois, ou o aparelho pára, ou o leme torna-se inseguro, precipitam-se e então morrem, como aconteceu com o intrepido tenente-coronel Castilho Nobre.

Não ha maus aviadores, ha maus aeroplanos. Os aparelhos que veem de fora são aparelhos rotulados com o *pour exportation* francês, são aqueles que um pequeno, um imperceptivel defeito os tornam inuteis. No entanto as grandes fabricas não os inutilisam: vendem-os para o estrangeiro e alguns deles encontram-se em Portugal.

Urge que o governo, cautelosamente, inquira se todos os aeroplanos que ahi estão satisfazem as condições de segurança que se requerem; urge que todos os aparelhos que lá fóra se compram sejam vistoriados e experimentados *em sêco*.

Se isto não se faz, e já, temos sobre nós a irrisão do estrangeiro, dizendo que em Portugal a aviação é um «sport» fatal e o que é mais doloroso: a morte de todos os nossos aviadores, já tão duramente experimentados.

E' indispensavel que se faça.

Cooperativa do Funcionalismo

Um oficio da direcção ao presidente do ministerio

A direcção da Cooperativa do Funcionalismo oficiou ao sr. presidente do ministerio pedindo providencias no sentido daquela colectividade não ser contrariada por más vontades mesquinhas incompativeis com a disciplina burocratica e com a boa ordem nos serviços publicos e convidando-o a visitar as instalações da Cooperativa e a verificar no local a justiça das suas reclamacões.

Dr. Afonso Costa

O sr. dr. Afonso Costa teve hoje uma demorada conferencia com o sr. ministro das finanças, tendo entrado no ministerio acompanhado pelo sr. dr. Germano Martins.

Administrador do concelho de Almodovar

O sr. Francisco Rodrigues Caçapo foi exonerado, a seu pedido, de administrador do concelho de Almodovar.

Exploração do Porto de Lisboa

As reclamações do pessoal

O sr. ministro do comercio recebeu hoje os corpos gerentes da Associação de Classe dos Operarios da Exploração do Porto de Lisboa, que lhe solicitou a solução de uma reclamação sobre vencimentos.

Tabacaria Barbosa
Novidades literarias nacionaes e estrangeiras
Jornaes e publicações ilustradas
Telefone 2926-C.
Rua do Carmo, 67

"DIARIO DE LISBOA"
Vende-se em todas as tabacarias e kiosques

abade—acima do nosso humor de novo está o preceito da disciplina teologica de que os Pontifices são os inflexiveis vigilantes. Quando eu fôr cardeal, lhe darei o meu voto para o senhor ser papa e permitir aos parocos e pregadores quebrar as cadeias do dogmatismo que nos prende.

Aurelio tornou-lhe a graça, cm responder:

—Quem me dera ser Papa... mas livre das prisões do Vaticano...

—Que faria?

—Que faria?... Talvez restaurasse o reino de Deus sobre a Terra.

—Com que orientação, senhor reformador?

—Na de uma religião campo aberto a toda a verdade scientifica, tribunal armado em defesa dos que sofrem.

—Pai da vida, seria a morte do cristianismo! O senhor ficava enterrado nos escombros.

—Deixá-lo, acabaria em beleza. Que fim extraordinario ser sepultado sob as pompas eclesiasticas de vinte seculos!

—*Sancte Antoni!...*

—Rogai por nós!..

O senhor abade não respondeu, de olhos no ripanso, como a soletrar o nome dos bemaventurados. Na orla já das matas, a procissão torneou num arco de circulo, mansamente coleando, a onda movel e variegada das mulheres a tocar os portadores de alfaias, atentos á obrigação. Uns olhos suaves de rapariga encontraram os de Aurelio, e para ele esse olhar foi mais intenso que um banho de aurora ao sair de uma prisão escura. Já em campo descoberto, os Cristos desamortalhando-se da penumbra aerea em que flutuavam, animaram-se sob os raios do sol, parece que iam soltar os braços para tornar a viver. Rostos alumiados, roupas de burel a declararem-se lã das ovelhas, a vida a viver, dissipou-se a catadura penitencial. Ao fundo, á medida que assomavam nos visos do oiteiro, o vale alteava-se em sua alegre praia-mar de verde e amarelo. Deus lá estaria, mas encoberto, porque é de sua assombrosa magnitude o esconder-se. Sua face só, de mostrar-se, pulverisaria em pó impalpavel a tão imensa pequenez do homem. Mas ele consente que o mesquinho ame, aborreça, se exalte, viva... era, pois, viver! Aurelio voltou-se a buscar outra vez os olhos doces da rapariga; o senhor abade, a ponta do roquete por sobre a calva contra os raios já mordentes do sol, risonho tambem, dizia-lhe:

—As suas ideias, aqui lho declaro muito á puridade, tornadas publicas, não só lhe vedavam o acesso ao Seminario, como lhe mereceriam as honras da fagueira, anos atrás. E, no entanto, aqui lho vaticino, o senhor ha de ser um sacerdote exemplar, uma das colunas fortes da Igreja. Mas vá rogando a Nossa Senhora que essanque tão ruins pensamentos no seu cerebro. *Sancte Bernarde!...*

Aurelio, cujos olhos se tinham banhado na luz dos outros olhos, sacudiu os ombros no geito de quem sem pena alija a carga que leva.

Já perto do têso ouviu-se entre a invocação e o côro, para as moitas, cantar o maranteo. E a sua voz amarela, inquebrantavel, com um acento de força, parecia a de um sofista, proclamando sobre as decisões de um concilio:

—Só Deus é real... real!

A distancia de tiro, duas pôpas ergueram de uns escarapeteiros, salvaram o cêrro, a aza padejando, saraivando o ar de sua côr pedrez. E o pêto real, a que pelos guinchos e vôo aos galões chamam o cavalinho, passou ás upas, a sua farda vistosa, um verde pelote do tempo da Madre-Silva, a reluzir.

A todo o fundo, avistava-se já uma nesga da ribéira, tão alta e trasbordante que, em torno dela, sobre as terras de vessada, o ruço pousio, os fenos empenachados de lilaz, se difundia a brancura ao lume de agua. Lume sobre que o sol chispava, um sol heroico, vibrante, aceso de bravura, que dir-se-hia alguma coisa de animal, de raivoso, a violar a *casta soror acqua*.

A cada passo, ladeira acima, mais e mais o concavo do vale se desdobrava. A luz dos longes tornava os rostos, os cobres e as opas mais esplendentes. Mais alta, tambem, a alma milenaria clamava:

—Rogai por nós!...

—*Sancte Francisce!...*

Um cabeço, de seixos mais luzentes e quebradiços que esquirolas de vidro, erguia ali a corcova mal encoirada de uma rabugem de mato. Era o Oiteiro da Forca. Tres pedrões ao meio, removidos para ali de certo, mas não lavrados, brancos como um monte de caveiras, pretendiam ter amparado os suportes da potencia.

(Continúa)

As homenagens da provincia aos herois desconhecidos

Em Valença

Um cortejo percorre as ruas e realizam-se diversas sessões solenes

Valença, 10.

Comemorando o 9 de Abril, promoveu a Camara Municipal deste concelho os seguintes festejos:

Sessão solene e um cortejo que, percorrendo a vila, foi em visita aos quarteis do 8.º grupo de metralhadoras e 3.º batalhão de infantaria 3, onde proferiram alocuções, respectivamente, os srs. capitão Manuel Gomes e alferes Mauricio Sousa.

Na sessão solene falaram brilhantemento os srs. drs. Salgueiro e Cunha e Vaz Pereira, aquele presidente do Senado Municipal.

No cortejo incorporaram-se todas as entidades oficiais, alunos da Escola Central primaria, associações, contingentes militares e bastaute povo, executando, durante o mesmo, a *Portuguesa* e hinos das nações aliadas a banda militar da guarnição.

A' noite percorreu tambem a vila uma marcha *aux-flambleaux*.

Uma subscrição

A Camara Municipal promoveu uma subscrição publica a favor das viuvas e orfãos dos soldados mortos em campanha, e cujo produto orçou por 250 escudos.

Em Ilhavo

Um cortejo

Ilhavo, 9.

Decorreram com certo entusiasmo as festas aqui realizadas em homenagem aos Herois Desconhecidos. Esta manhã cedo fomos surpreendidos pelo ruido do fogo de dinamite que encimou com esta alvorada o programa das festas. A's 10 horas, após organizado um cortejo, no qual tomaram parte as escolas primarias e Associação dos Oficiais de Marinha Mercante Ilhavense, vimos tremular ao vento os estandartes das mesmas, que perto da Ufalhada aguardavam o contingente de infantaria 24, o qual veiu com a sua presença fazer brotar dos corações de muitos patriotas entusiasticos vivas á Patria, ao Exercito e á Marinha.

Nas Caldas da Rainha

No cortejo civico incorporam-se todas as autoridades e associações da vila

Caldas da Rainha, 10

Pelas 8 e meia horas de hoje efectuou-se o cortejo civico de homenagem aos herois desconhecidos, com extraordinaria concorrencia de povo. Nele tomaram parte uma força a cavalo da Guarda Republicana, bombeiros voluntarios, Camara municipal, administrador do concelho, representantes das Juntas de freguesia, Tribunal judicial, Escola primaria superior, Escola industrial, Escola comercial, Escola agricola, escolas primarias, sub-delegado de saude, funcionarios de finanças, do registo civil, de obras publicas, do registo predial, correios, hospitais, e do caminho de ferro, associação comercial, sindicatos agricolas, associação de socorros mutuos, empregados do comercio e industria, associação operaria e regimento de infantaria 5. Todas as ruas e praças estavam lindamente ornamentadas com colchas e flores.

Na antiga rua dos Arneiros foi colocada uma lapide com a sua nova designação «Herois da Grande Guerra». Na estação do caminho de ferro, grande multidão aclamou os herois da guerra, a França, Inglaterra, Italia, America, e a Patria. Tambem foi alvo de grandes e quentes manifestações o sr. dr. Afonso Costa.

Momentos depois da partida do 3.º comboio passaram por aqui cinco aeroplanos na direcção norte.

Em Alverca

Uma missa mandada rezar por uma comissão de senhoras

Alverca do Ribatejo, 10.

Promovida por uma comissão de senhoras e diferentes cavalheiros, realizou-se na igreja desta vila uma missa por alma dos Soldados Desconhecidos mortos na grande guerra, havendo em seguida *Libera-me*, sendo pelas mesmas senhoras distribuidas esmolas aos pobres mais necessitados desta vila. Ao acto, que foi muito concorrido, assistiram as principais pessoas desta vila e o representante do *Diario de Lisboa* nesta vila.

Pelas 15 horas repicaram os sinos em sinal de sentimento pelo repouso dos corpos dos desditosos soldados que se bateram heroicamente pela defesa da sua Patria.

Em Obidos

A passagem dos comboios

Obidos, 10

Com destino á Batalha passaram hoje pela estação do caminho de ferro desta vila os comboios especiais, conduzindo os restos mortais dos dois soldados desconhecidos mortos na grande guerra. Eram seguidos por uma esquadrilha de aviões que despertaram a atenção de toda a gente que os observou.

Na «gare» estava muito povo, autoridade administrativa, camara municipal com o seu estandarte, os alunos das escolas do concelho com os respetivos professores e a banda obidense, que executou o hino nacional apenas o comboio entrou nas agulhas.

Os sinos das igrejas teem dobrado a finados.

Em Sernache de Bomjardim

No Instituto das Missões Coloniais

Sernache de Bomjardim, 9.

Em homenagem aos soldados desconhecidos realizou-se hoje uma sessão solene no Instituto das Missões Coloniais a que assistiram muitas pessoas. Falaram varios alunos daquele Instituto e o rev. dr. José de Oliveira, professor e o sub-director dr. Oliveira Gomes, tendo o dr. José de Oliveira salientado o significado da grende manifestação nacional que se estava realizando com o concurso e boa vontade de todos os credos politicos e religiosos fazendo ainda um apelo á mocidade das escolas para que através de todos os perigos mantenham bem altivo o sentimento patriotico.

—Para assistir ás cerimonia na Batalha seguiram hoje daqui bastantes pessoas.

Em Felgueiras

Cinco minutos de silencio

Felgueiras, 4.

Tambem n'esta vila se prestou homenagem aos soldados desconhecidos, organisando-se um cortejo civico que partiu dos Paços do concelho para o teatro Fonseca Moreira onde se realizou uma sessão solene.

Os oficiais e soldados do C. E. P. tomaram parte no cortejo. Discursaram varios representantes de colectividades e oficiais do C. E. P, atingindo esta manifestação o maior auge quando apareceu no palco do teatro um mutilado e dois orfãos da guerra.

Milhares de pessoas se associaram a estas homenagens tendo o correio fechado as portas.

Os cinco minutos de silencio foram acatados com todo o respeito.

Em Pombal

A comemoração do 9 de abril

Pombal, 9.

A comemoração do 9 de abril foi nesta vila festa altamente patriotica e comovente. O cortejo civico revestiu extraordinaria imponencia e a sessão solene foi uma apoteose á Patria e á Republica.

Discursaram os srs. dr. Matos Miguens, Augusto Silva, Mario Móra e professor Gonçalves Figueira, sendo todos os oradores muito aclamados, por vezes empolgando a assembleia que lhes dispensavam rasgos e quentes aplausos.

As crianças das escolas cantaram em côro a «Portuguesa». A Patria e a Republica foram muito aclamadas.

O movimento da vila

Chegou a academia de Vizeu, de passagem para a Batalha que foi recebida com grandes manifestações.

Saudaram-nos com frases quentes os srs. dr. Ponces de Carvalho, dr. Matos Miguens, Augusto Silva, Amadeu Varela e joaquim Pessoa.

—Teem passado centenas de automoveis.

—Calcula-se em 300 pessoas o numero das que aqui dormiram, em hoteis e casas particulares, para seguirem amanhã para a Batalha.

Em Montemór-o-Novo

O lançamento da primeira pedra do monumento aos mortos

Montemòr-o-Novo

Efectuou-se hoje a cerimonia do lançamento da primeira pedra do monumento em honra dos mortos na grande guerra, naturais deste concelho. Foi um acto de grande devoção patriotica e que revestiu a maior solenidade. O Largo Serpa Pinto, onde deve erguer-se o monumento, estava ornamentado de palmas e bandeiras nacionais e aliadas. Assistiram todos os elementos oficiais, associações com os seus estandartes, as escolas, os asilos, achando-se tambem presentes os oficiais e praças que pertenceram ao C. E. P. incluindo dois mutilados e as mães de dois soldados mortos. Usaram da palavra os srs. Jaime Lopes Brejo, presidente da comissão executiva da camara, que tomou a iniciativa do monumento, tenente da G. N. R. Marcial Ermitão, combatente do C. E. P., dr. Francisco Romeiros, professor José Guerra e vereador João Macedo, pondo todas as suas palavras de orgulho de serem portugueses e frisando quanto merecem todas as homenagens aqueles que lutaram pela Patria, pelo Direito e pela Liberdade, dando por estes ideais o seu sangue e a sua vida.

A guarda de honra foi feita pela G. N. R., tendo todos os postos da secção enviado representantes á cerimonia.

Assistiram tambem as duas filarmonicas locais, que tocaram o hino nacional e o hino dos Aliados. As crianças das escolas cantaram a «Portuguesa» e a «Canção da Patria» e desfilaram deante dos soldados do C. E. P. lançando-lhes flores. A sub-comissão da Cruzada das Mulheres Portuguesas rodeou os mutilados e as mães dos soldados mortos dos maiores carinhos, oferecendo-lhes flores, entregando uma mensagem a uma das mães e promovendo a venda duma poesia em seu beneficio, que rendeu 237$00.

O que houve nas escolas

Nas escolas houve alocuções patrioticas aos alunos e nos templos efectuaram-se serviços religiosos por alma dos mortos na guerra e pela vitoria das armas aliadas.

Um "Te-Deum"

Hoje realiza-se na igreja matriz um «Te-Deum» pelo mesmo motivo.

Em Aveiro

Uma alocução

Aveiro, 9

Na igreja do Carmo realizaram-se exeguias solemnes ás vitimas da grande guerra,

Depois da missa celebrada o reverendo padre Vieira consagrado orador subiu ao pulpito, proferiudo uma eloquentissima alocução.

Findo estas, realizou-se um grandioso cortejo civico saindo do quartel do regimento de cavalaria 8 e terminando no de infantaria 24, incorporando-se nele todo o elemento oficial e civil.

A's 21 horas toçou a banda do regimento de infantaria 24 no Rocio estando esta praça lindamente ornamentada e iluminada a luz electrica com lampadas de varias cores o que produzia um efeito brilhante,

Na Louzã

Uma sessão solene na Escola Central

Louzã, 8

Falaram com muito brilho, na sessão solene da Escola Central, os srs. Alfredo Cardoso, Lopes de Figueiredo e dr. João Santos.

Nas suas palestras, fluentes e animadas, fizeram em frases alcandoradas a apologia dos obscuros soldados da Flandres e da Africa, simbolos da envergadura da nossa raça, associando-se calorosamente ás homenagens ruidosas que lhes veem sendo prestadas; evocaram as figuras martirisadas que mais enalteceram a nossa historia como a de Nun'Alvares, o santo condestavel, incutindo no espirito dos alunos das escolas o culto da Patria; e pediram com o mais comovido respeito, as bençãos de todos para os que vão dormir nas abobadas da Batalha, na ansia de que a Paz luminosa e bela não tardará a iluminar todos os espiritos patrioticos.

Todos os oradores foram, em vibrações de entusiasmo, muito ovacionados, executando nos intervalos a «Portuguesa» a banda marcial.

Presidiu á sessão, a convite do inspector escolar, o dr. João Santos, secretariado pelos srs. Alfredo Cardoso e Correia de Figueiredo.

COLEGIO LUSO-BELGA
Directora: M.me Jeanne Rolin
RUA CAMILO CASTELO BRANCO
■ ■ ■
Instrução primaria,
instrução secundaria e comercial
■ ■ ■
Aceita alunas internas, externas e semi-externas
■ ■ ■
Sempre os melhores resultados nos exames

UMA CONFERENCIA

Na Universidade Popular Portuguesa realisa-se hoje, pelas 21 horas, a segunda conferencia do coronel sr. Manuel Maria Coelho, sobre «Filosofia».

PINTO & SOTTO MAYOR
BANQUEIROS
LISBOA—Rua do Ouro, 18, 22
PORTO—Praça da Liberdade, 28, 29
REPRESENTANTES EM PORTUGAL DO
Banco Portuguez do Brazil
Depositos á ordem e a prazo—Contas correntes em moeda nacional e estrangeira
Saques sobre o paiz e estrangeiro
Descontos e transferencias
Operações financeiras
Fundos publicos nacionaes e estrangeiros

NO ESTRANGEIRO

A GRÉVE NEGRA INGLESA

Os ferro-viarios e todo o ramo de transportes resolveram secundar os mineiros

Não nos enganavamos quando ha dias afirmámos que as mais terriveis consequencias resultariam desta gréve, a maior que tem havido no mundo inteiro e que vai assumindo ás proporções duma verdadeira revolução social.

E' Lloyd George quem afirma que, lançando mão de todos os meios, cumpre o seu dever de salvar a nação.

Durante um dia inteiro, em Board of Trade, tendo-se retirado apenas para tomar alguma coisa, Lloyd George e os proprietarios de minas esperaram que os operarios acorressem a essa reunião e respondessem ás suas reiteradas convocações para pôr termo a situação tão alarmante, que os afecta a eles proprios tanto, ou mais talvez, do que á nação inteira.

Nessas convocações se punha como unica condição que o primeiro assunto a tratar seria o do esgotamento das minas.

Os grévistas limitaram-se a responder em uma nota que não iam a reuniões nas quais se limitassem condições, quaisquer que elas fôssem.

Entretanto os ferro-viarios e os operarios de transportes resolvem secundar a gréve. Já se não limitam ao socego dos dias anteriores. Começam a provocar tumultos; em todas as regiões vai alastrando a exaltação que havia só na Escocia e a ninguem se permite que trabalhe no esgotamento de minas. Nalgumas foram lançadas bombas.

Lloyd George compreendeu que o fim dos mineiros, agitados por elementos que pretendem aniquilar a autoridade do parlamento pela acção directa, é a propria destruição das minas.

Isto será destruir os proprios recursos naturais, a base da industria nacional, será lançar milhares de familias na miseria, não excluindo os proprios mineiros.

Visto que os mineiros recusam toda a conciliação e se lançam na violencia, o governo toma as maiores medidas: foi decretada a mobilisação militar geral. Todos os que serviram na tropa, na aviação e que não estejam na policia ou sejam empregados publicos, são chamados a apresentar-se imediatamente nos seus distritos militares ou no regimento mais proximo.

São convidados a alistar-se todos os cidadãos leais que queiram defender a sua patria, desde os 18 até aos quarenta anos.

Além do exercito e da aviação que entraram em luta será criado um corpo de policia especial.

A gréve geral será decretada terça-feira, á meia noite, se as negociações não forem reatadas antes.

A Inglaterra defende-se com todas as suas forças; o maior de todos os inimigos com quem tem tido que se defrontar tem-o em si propria.

"Caminho da Atlantida"

(Uma campanha luzo-brasileira)

—=POR=—

JOÃO DE BARROS

Á VENDA NA

LIVRARIA PROFISSIONAL

Largo do Conde Barão, 49

Imprensa Libanio da Silva

Sucessores Sousa & Gomes, Ltd.

24, Travessa do Fala Só, 24

Telefone 2110 C.

Trabalhos tipograficos em todos os generos. Encadernações.

NA "CASA BRANCA"

A POLITICA AMERICANA

Vai ser discutida a proposta de Knoks

(*Serviço especial para o* Diario de Lisboa)

WASHINGTON, 12.—Vai abrir e deliberar sobre questões importantes o Congresso dos Estados Unidos. Desde a sessão em que se declarou guerra á Alemanha nenhum assunto de supremo interesse tem sido tratado, porque a posição dos Estados Unidos no conflito internacional relegou para um segundo plano todas as questões internas. Será discutida no Senado a proposta Knoks o que demonstra da parte do Senado a intenção de se interessar pela politica estrangeira, que Harding desejava tratar exclusivamente. Por enquanto não será apresentado qualquer projecto de paz separada com a Alemanha.—(R.).

NA LIGA DAS NAÇÕES

Os acordos feitos durante a guerra

Espera-se o regresso de Viviani ao seu antigo lugar

PARIS, 12.—Os trabalhos de revisão na convenção da Liga das Nações foram adiados, esperando-se que Viviani regresse a ocupar o seu lugar de membro do «comité» de emenda do estatuto da Liga que tem agora as suas sessões em Genebra. Viviani exporá o ponto de vista do presidente Harding. Os italianos, ingleses, franceses e japoneses desejam que os acordos feitos antes da guerra e durante a guerra secretamente, continuem a ter validade. A proposta francesa dizendo respeito á constituição dum «comité» militar, naval e aereo, como uma especie de estado maior internacional, espera para ser discutida que se conheçam as intenções dos americanos.—(R.).

A FEIRA DE LYON

Foi visitada por cem mil pessoas e fizeram-se negocios no valor de 450 milhões de francos

PARIS, 12.—As estatisticas oficiaes mostram que a feira de Lyon foi visitada por cem mil pessoas, sendo cinco por cento de estrangeiros, na sua maioria suissos, belgas, holandeses, italianos, sul-americanos e canadienses.

Fizeram-se negocios na importancia de 450 milhões de francos.—(R.)

A' procura de jazigos petroliferos

O governo inglês envia dois hidro-aviões especialmente construidos

PARIS, 12.—Segundo informações de Londres, o governo inglês vae enviar dois hidro-aviões, especialmente construidos para esse fim, á America do Sul, para explorar a foz do Orenoque. Fotografarão o territorio que a circunda e que, pelo aspecto da vegetação, parece indicar que possue jazigos de petroleo.—(R.)

A Federação da America Central

Foi assinado o tratado pela Guatemala, Honduras e San Salvador

WASHINGTON, 12.—Foram recebidas aqui informações dizendo qne a assembleia nacional da Guatemala ratificou o tratado criando a Federacão da America Central, assinada pela Guatemala, Honduras e San Salvador.—(R.)

Sociedade Portuguesa de Administrações

SOC. ANON. DE RESP. LIM.

CAPITAL AUTORISADO: 5:000 CONTOS — CAPITAL EMITIDO: 1:000 CONTOS

Endereço telegrafico "Spa"—Cod. Ribeiro: A. B. C. 5.ª Ed.—Lieber's

SÉDE — Calçada do Sacramento, 14, 1.º — LISBOA

TABELA DE COMISSÕES
ADMINISTRAÇÃO DE BENS

(*) Recebimentos de Juros e Dividendos—Lisboa e Porto....	1 0|0
Recebimentos de Juros e Dividendos—fóra de Lisboa e Porto	1 1|2 0|0
Recebimentos de Heranças e Legados	Convencional
Compra e Venda de Titulos...............................	1 0|0
Compra e Venda de Prédios rústicos e urbanos............	1 0|0
Cobrança de rendas de predios............................	2 0|0
Cobrança de Pensões do Estado............................	2 0|0
Cobrança de ordenados e vencimentos......................	2 0|0
Pagamentos de impostos:—por um predio....................	Esc. 3$00
por 2 a 4 predios, cada um...............................	Esc. 2$00
por 5 predios ou mais, cada um...........................	Esc. 1$80

Administrações mais complexas, condições convencionais

A QUESTÃO DAS REPARAÇÕES

"A França empregará a força, se tanto fôr preciso,,—diz o sr. Aristides Briand

A Alemanha, usando duma politica dubia, alegando miserias em continuas suplicas, chegando até a pedir aos Estados Unidos uma intervenção em seu favor, mas miserias que a opulencia das suas cidades e a oferta de capitais ás nações estrangeiras bem demonstram ser falsas, tem-se mantido numa resistencia passiva ao tratado de Versailles.

As conferencias de Spa e de Paris, que foram uma tentativa de concordata com a Alemanha, deixaram de existir pela ruptura de Londres; as propostas dá Alemanha em Londres foram ridiculas e, á medida que Simons falava, a decepção e a colera apareciam nas expressões dos aliados.

A Alemanha, porém, não poderá resistir ao pagamento do que deve, bem claramente o disse Briand, no Senado.

A fiscalisação entre a Rhenania e o resto da Alemanha está estabelecida, e no 1.º de maio, estando a Alemanha juridicamente em divida em todos os pagamentos que a comissão de reparações indicou, sem ter castigado os culpados, nem desarmado, a má fé dos devedores estará bem provada e o crédor terá o direito de se fazer pagar.

Todo o activo e a vasta fabrica que é a Alemanha garantem a divida.

E Briand acabou este assunto, dizendo:

«Aproxima-se o instante supremo. A França, de acordo com os aliados, está decidida a ter a ultima palavra.

«Lamentamos o povo alemão se os seus dirigentes continuam a engana-lo e a conduzi-lo a actos irremediaveis. Em todo o caso não teem faltado advertencias á Alemanha; o de hoje será, decerto, tomado em conta pelo governo alemão; fica sabendo que temos o direito por nós e que estamos resolvidos a obter ó pagamento pela força, se fôr preciso!»

CLEMENCEAU

A quem os franceses chamam *le père la victoire*, acaba de publicar um prefacio, para acompanhar o livro de Gabriel Pra-

rieux — *La Paix*, no qual toma ostensivamente a defesa do Tratado de Versailles, respondendo ás objecções dos seus adversarios, crivando-os de ironias e sarcasmos.

E' a primeira vez que, depois de abandonar a presidencia do govêrno que deu a vitoria aos aliados, Clemenceau se dirige á França, para que está conheça a verdade sobre as negociações da Paz.

A imprensa francesa ocupa-se largamente do reaparecimento do *Tigre*, que muitos consideravam decidido a calar-se, falando com respeito dum velho que, proximo dos oitenta anos, cultiva a polemica com desusada energia.

"Diario de Lisboa"

— JORNAL DA TARDE —

Vende-se em todas as tabacarias e quiosques

UM GRAVE PROBLEMA

A instabilidade dos governadores coloniais

A situação econcmica da Guiné

Estão vagos ha longos meses os govêrnos das provincias da Guiné, S. Tomé e Timor. A instabilidade dos govêrnos da Republica e por consequencia a inconsistencia da nossa politica colonial arrastam-nos á triste consequencia de não termos quem governe o nosso Ultramar. Uma vaga aberta surgem as intrigas politicas, as negociações complicadas, dificultando o ministro das colonias a decidir-se na escolha do candidato a governador. Os homens competentes, crentes que um dia «isto» mudará, esperam, na tranquilidade da sua consciencia, que os procurem. Os insignificantes — e tantos que eles são!—apresentam-se aos cardumes fazendo valer, não a sua competencia, mas pseudos serviços prestados em arruaças ou revoluções. Os partidos, ciosos do bem estar da sua clientela, assediam o ministro, fazendo-lhe imposições para fazerem valer o seu candidato. Os ministros—em regra geral partidarios—só apreciam os pretendentes pelos serviços prestados, ou a prestar, ao seu partido. Desta luta mesquinha, em que os interesses gerais são suplantados pelos interesses de seita, resultam as vacilações, as contemporisações, as demoras, emfim, na resolução do problema. E desta forma. como disse, largos meses e até anos, muitas das nossas colonias ficam sem governadores. E' o caso presente: A Guiné, colonia das mais ricas, debate-se numa crise moral e material digna de lastima. Faltando quem as dirija, todas as energias se esgotam em lutas internas, em sindicancias, em perseguições, não deixando tempo nem lugar ao trabalho util, produtivo.

A Timor, a S. Thomé outro tanto sucede, com a agravante de nesta ultima colonia a desordem já se ter manifestado nas ruas, funcionarios em greve, apoiados por policias indigenas, dum lado, e do outro trabalhadores que, conscios do seu dever, procuravam descarregar vapores afim de se evitar a paralisação do trafego maritimo!

A politica partidaria, com todos os seus odios, transplantada para as colonias deu estes resultados. E ninguem arrepia caminho. Cada partido, cada grupo quer o seu governador. E como o *bolo* é um só e os pretendentes são inumeros, não ha forma de chegar a acordo, pois outra razão não descortino que explique a nomeação de 3 homens para os três logares vagos. E depois em *discursatas* oficiais e oficiosas vêm dizer-nos que é preciso crear um Portugal Maior...

Equivaleria a querer pôr em movimento uma grande fabrica com um motor avariado...

Mas, como não é licito que este estado de coisas continue, permite-me fazer um apelo ao patriotismo de todos: nomeiem-se depressa, muito depressa, os governadores para as nossas colonias, servindo de base a competencia e a honestidade. Para entretenimento dos politicos fiquem as nomeações dos governadores civis, assunto já por si intrincado.

Por ultimo, um esclarecimento. O actual governador interino de S. Thomé é o ilustre oficial da armada Eduardo Nogueira de Lemos, que muito instado aceitou a nomeação num momento deveras critico para a colonia. A sua escolha para governador efectivo seria um verdadeiro achado. O peor é que Nogueira de Lemos não quer, absolutamente não quer, ser governador, dedicado como está á profissão de medico, que conquistou depois de ser oficial de marinha e que exerce apaixonadamente.

Carlos Pereira

Preso que se evade

O guarda Rosa, auxiliar da policia de investigação, prendeu um individuo chamado Joaquim Martins, rua 1.º de Dezembro, 41, 3.º, acusado de ter cometido um crime repugnante na pessoa de uma menor. Hoje, quando o citado guarda precisou de interrogar o preso, verificou que ele saira misteriosamente do calabouço n.º 6, onde o encerrara.

Com o craneo fracturado

A' enfermaria de Santo Antonio, do hospital de S. José, recolheu o trabalhador Alberto de Oliveira, de 45 anos, residente em Alenquer, onde, numa fabrica de lanificios em que trabalhava, foi colhido por um correão de uma das maquinas, fracturando o craneo, pelo qne foi operado do trepano.

TEATROS

Noticias ineditas

No proximo dia 25, em festa artistica do actor Teodoro Santos estreia-se na Trindade um original de D. Branca da Silveira (Giesta) intitulado «Sempre Azul».

—Na companhia de verão qne o actor Robles Monteiro esté organizando para o teatro Avenida reaparece na scena, desempenhando um centro na peça «O ladrão de luva branca», o sr. Alfredo dos Santos.

Reclamos

Nacional

O espectaculo que contêm maior numero de atracções é a «Zilda», o famoso original português, que se recomenda pelo interesse do seu sensacional entrecho, cheio de imprevisto, pelo esplendido desempenho e pelo brilhantismo da apresentação. Hoje, que se repete a «Zilda», completando 37 representações, deve o elegante teatro ter outra enchente.

Trindade

Ficaram ontem muitos lugares marcados para o espectaculo desta noite no Trindade, com a comovedora e impressionante peça de Paul Bourget, «O Emigrado», que é a mais bela do repertorio dêste teatro.

São Luiz

Todas as noites a encantadora opereta «J. P. C.», a rainha das operetas modernas, em scena no teatro S. Luís, á qual a esplendida companhia de Armando de Vasconcelos dá grande relevo, sobretudo os notaveis artistas Auzenda de Oliveira, Aldina de Sousa, Sofia Santos, Henrique Alves, Armando Soares, Alfredo de Sousa, Sebastião Ribeiro e José Correia, que desempenham os principais papeis do lindo ariginal de Ernesto Rodrigues. Felix Bermudes e João Bastos, a «troupe mais afortunada de autores nocionais, com musica de Filipe Duarte.

Politeama

Ainda o «João Ratão» constitue a peça de exito no Politeama, onde está justificadamente obtendo enchentes sobre enchentes. Os aplausos são sempre estrondosos, pondo em evidencia o trabalho magistral de Amarante, admiravelmente secundado por Satanela, Raquel Barros, Maria Santos, José Vitor, Alves da Silva, Antonio Silva, Armando Baptista e outros artistas distintos. A musica é uma maravilha, o entrecho um encanto e há na opereta um tal cunho regional que a faz considerar particularmente para a nossa estima. Hoje repete-se o «João Ratão».

Apolo

Nascimento Fernandes, director da companhia do Apolo, tem hoje ali a consagracão do seu trabalho numa recita de homenagem que a empresa lhe dedica. O «Burro em pé» é hoje aformoseado com dois novos quadros «O grande sonho» e «Pirilau imperador», estreando-se a nova e deslumbrante apoteose «Ultima corrida de touros em Salvaterra». Nascimento Fernandes, o impagavel comtco, não terá hoje tempo para reeeber os seus amigos e admiradores.

Gimnasio

A'manhã, n'este teatro, realiza-se a festa artistica de Araujo Pereira. O teatro vai pela certa regorgitar de espectadores, bastando para que tal suceda saber-se que é a «première» da peça «Negocios são negocios» O protagonista da nova peça, que na origem se intitula «Les affaires son les affaires» é o ilustre actor Alves da Cunha, que nela tem uma das suas mais trabalhosas creações, cheia de minuciosidade e observação. «Negocios são negocios» cujo entrecho é dos mais interessantes, será apresentada com esplendidos scenarios novos, de Mergulhão, que caprichou em apresentar, uma vez mais, trabalhos de valor. No desempenho da peça tem Berta Viana da Mota um magnifico papel e figura na interpretação toda a companhia.

Eden

Os forasteiros actualmente em Lisboa só teem um teatro, o Eden, para passar as noites, pois que é nele que se representa a alegrissima revista «Paz Armada«, com a coupletista La Burlandi.

Coliseu dos Recreios

Hoje realiza-se um deslumbrante espectaculo dedicado ás missões estrangeiras, no qual entram todos os artistas da grande companhia de circo e variedades, incluindo os interessantes e pequeninos artistas Adriana & Charlot, os engraçadissimos «clowns» Calino & Cricri, o rei da vertigem Carthago, os acrobatas portugueses Herminios e o rei da audacia portuguès Duarte. Brevemente realiza-se uma extraordinaria e emocionante estreia em que o engenheiro Armstrong tirará interessantissimos «films» nos quais serão reproduzidos todos os espectadores que forem ao Coliseu, quer sejam os da geral, «fauteuils», camarotes ou «promenoir». E' a novidade mais sensacional e que recentemente, no estrangeiro, está obtendo um exito colossal.

Salão Foz

Este salão continua todas as noites com duas grandes enchentes. Ninguem falte a assistir aos espectaculos do «Trólaró», a maravilhosa revista-fantasia. Laura Costa e Elisa Santos são as rainhas do proscenio, bem como Alvaro Pereira e Alvaro de Almeida, consagrando o publico todas as noites a bela enscenação de Rosa Mateus no quadro do telefone, o passeio da platéia, Isabelita e Pastor e outros numeros.

CARTAZ

Nacional—A's 21, «As duas epopeias» e «Zilda».

S. Luis—A's 21, «J. P. C.«

Trindade—A's 21, «O Emigrado».

Politeama—A's 21, «O João Ratão».

Eden-Teatro—A's 21,30, «Paz armada».

Apolo—A's 21,30, «Burro em pé».

Avenida—A's 21,30, «A Inimiga».

Salão Foz—A's 20,30 e 22,30, «Trolaró».

Coliseu dos Recreios—A's 21—Companhia de circo e variedades.

ANIMATOGRAFOS

OLIMPIA—Rua dos Condes.

CINEMA CONDES—Av. da Liberdade.

CHIADO TERRASSE—Rua Antonio Maria Cardoso.

SALÃO CENTRAL—Praça dos Restauradores.

O aviador Castilho Nobre

O seu cadaver encontra-se já na sala do tribunal do C. E. P. velado por oficiais

O cadaver do tenente-coronel sr. Castilho Nobre encontra-se já exposto na sala do tribunal do C. E. P., agora armada em camara ardente. Rodeiam a urna do desditoso oficial aviador quatro sarilhos de espingardas, uma torre com metralhadoras, duas rodas de aeroplano, duas helices, um leme de direcção, e, sobre dois daqueles sarilhos assenta o estandarte da aviação envolto em crépes.

Durante o dia teem desfilado deante do cadaver, que se encontra fardado e com o rosto piedosamente coberto, inumeros oficiais de todas as armas: da aviação maritima, do exercito, da armada, do grupo de esquadrilhas de aviação Republica, ete. O cadaver tem sido velado por oficiais.

O funeral do tenente-coronel sr. Castilho Nobre deve realizar-se na 5.ª ou 6.ª-feira, ficando os restos mortais do distinto aviador depositados em jazigo no cemiterio dos Prazeres.

Como ontem dissemos as despesas serão feitas pelo ministerio da guerra.

Ao sr. Castilho Nobre são prestadas todas as honras militares visto ser considerado como tendo falecido em campanha.

A viagem do marechal Joffre á capital do norte

Como ontem informámos segue ámanhã para o Porto em carruagem salão atrelada ao comboio rapido o glorioso combatente do Marne.

Acompanha-o por parte do governo o sr. dr. Julio Martins, ministro da Instrução.

O sr. governador de Viana do Castelo solicitou do sr. presidente do ministerio que obtivesse do marechal Joffre a sua visita áquela cidade. O sr. dr. Bernardino Machado respondeu que empregará todos os esforços para a realisação dos desejos daquela autoridade.

O caso do Club Montanha

A verdade ácerca da desordem da noite passada

Eusebio Candido Maldonado, aquele individuo que ontem á noite alvejou a tiro, no Club Montanha, da travessa da Gloria, o civico 1837, Antonio Soares, que se encontra em estado melindroso no hospital de S. José, caso que os jornaes da manhã noticiaram, é já conhecido como perigoso «souteneur» e um adversario desleal nas frequentes desordens que provoca. Empregado na antiga tavolagem da travessa da Gloria, onde era porteiro, não lhe agradou a atitude de um marinheiro americano que no bufete agarrou pela cintura uma camareira na intenção de a beijar, e cresceu para ele, ameaçador, atirando-lhe um banco ao rosto e tombando-o, quasi sem sentidos.

Logo uma confusão enorme se estabeleceu e, como o conffito entre os dois rivaes degenerasse numa desordem geral, alguem correu á proxima esquadra da praça da Alegria a prevenir a policia do que se estava passando.

Sabendo um dos agentes quem fôra o agressor do americano foi este detido, acusado por uma das camareiras que pouco antes criticara a sua acção. Nesta altura o Eusebio pediu, antes de ser conduzido para a esquadra, que o deixassem ir ao seu quarto despir o fardamento e vestir a sua «samarra» predilecta. Quando voltou vinha munido de um revólver e, provocando nova desordem, alvejou com duas balas o policia 1837, que caiu, redondo, no solo. Outros guardas, para se livrarem da furia do Eusebio, deitaram-se no solo e, ao pereeberem que o bandido tinha esgotado os cartuchos, correram-no á pranchada pelos corredores até á rua. O Eusebio, que corria e saltava como um gamo, enfiou por um botequim da travessa da Gloria, galgou o balcão e as mesas onde varios individuos bebiam copos de vinho; tombou mesas, entornou copos, poz todos os bebedores em alvoroço e acabou por se refugiar na esquadra policial, de onde foi conduzido para o governo civil.

Ultimas noticias

O Parlamento pelo telefone

A proposta do sr. Bernardino Machado referente á pasta da agricultura

A fraquíssima assistencia aos trabalhos de hoje na Camara dos Deputados, que á hora dali saírmos estava funcionando em sessão prorogada desde sabado, revela um grande desinteresse pelas prerogativas do poder legislativo.

Era esta a opinião de alguns deputados com quem trocámos ligeiras impressões no momento de deixarmos o edificio do Congresso para virmos redigir esta nota.

Em continuação da ordem do dia tratava-se de discutir a proposta do sr. Bernardino Machado, ministro interino da agricultura, solicitando do Parlamento as mais largas autorisações tendentes a habilitarem o governo a resolver todos os assuntos que se prendem com o abastecimento dos generos de primeira necessidade.

Pois nem a gravidade do caso, que da parte dos independentes originou uma moção contraria aos designios do sr. dr. Bernardino Machado, nem a atitude no mesmo sentido assumida pelos liberais e populares, logrou chamar os parlamentares a horas competentes ao hemiciclo de S. Bento.

De modo que se hoje terminar o debate sobre esse documento, é de presumir que a assistencia não chegue para a votação.

Mas chegue que não chegue, tudo leva a crer que sobre a proposta recairão algumas emendas no sentido de lhe restringir a latitude. Serão aprovadas? Serão regeitadas? Não é facil prever, mas parece que a Camara não arriscará uma deliberação demasiadamente favoravel a que o actual ministerio se proponha, só por si, resolver o intrincado problema economico.

E a formar juizo pelo que ontem se passou e pelo que ainda hoje ouvimos, é naturalissimo que obstinando-se o sr. Bernardino Machado na defesa do seu criterio se esbocem desde já contra o governo as primeiras escaramuças.

O caso dos Bairros Sociais

Não é provavel que o debate sobre as autorizações requeridas pela pasta da agricultura termine a horas de poder ventilar-se qualquer outra questão, nem o regimento consente que a trabalhos prorogados se siga, sem solução de continuidade, qualquer outro assunto, mas como tudo pode ser, o deputado socialista e ex-ministro do trabalho sr. Augusto Dias da Silva deseja tratar hoje ainda o caso dos Bairros Sociais.

Se o sr. Domingues dos Santos aparece na Camara o sr. Dias da Silva diligenciará atacá-lo por causa desse assunto e afiança que vai confundi-lo, provando-lhe como a administração dos referidos serviços é muito mais seria do que aquela que se observa nas obras publicas.

A defesa do regimen

Assinado por alguns deputados, está na mesa da Camara, com urgencia e dispensa do regimento, um projecto cominando severamente quem pegue em armas contra a Republica, ou por qualquer outra form prejudique o regimen ou a Constituição.

EM MADRID

Exequias solenes pelos soldados portugueses desconhecidos

(Serviço especial do «Diario de Lisboa»)

MADRID, 11

As exequias solenes que se celebraram na igreja de Calatrava pelos soldados portugueses desconhecidos foram muito concorridas, tendo presidido á cerimonia os embaixadores da Inglaterra e da Belgica, encarregado de negocios de Portugal e adidos militares francês e português. Entre a assistencia viam-se os srs. Antonio Belo, Candido Soto Mayor, Alfredo da Silva, Antonio Vieira Pinto, Paiva Couceiro, Rodrigo Menezes, Silveira Ramos, Delfim Maia Lallemant, Bordalo Pinheiro, Cunha Menezes, Antonio Sardinha e um representante do capitão geral de Madrid.